



Jornalismo de investigação, e de testemunho.

Lourenço Marques (LM), 25 Setembro 1970: Do Outro Lado - 'Ocupado' - a Luta Continuava!

1/4

No dia 25 Setembro 1970, passavam-se 6 anos desde o início da guerrilha no norte de Moçambique. Dois dias depois, nas bancas em Lourenço Marques, a 27 Setembro 1970, surgia o nº 2 da revista Tempo. Em Chai, no plateau dos macondes a norte da região de Cabo Delgado, em 1970, marcava-se a efeméride do início oficial da luta armada, anti-colonial (25 Setembro 1964). Simultaneamente decorria a 'Operação Nó Górdio' (Abril a Novembro) chefiada pelo General Kaúlza de Arriaga. Por vales e falésias ecoavam os canhões sem recuo da guerrilha da FreLiMo, a norte do rio Zambeze até ao Rovuma. As forças armadas portuguesas, coloniais, prosseguiram nas contra-ofensivas e ofensivas em campanhas militares, e de ação psicológica junto das populações do interior, situadas sob fogo cruzado.

Na então zona ocupada da capital da colónia da África oriental portuguesa, a recém-saída revista Tempo – nº 2 de 27 Setembro 1970 – custava sete escudos e cinquenta centavos (7.50). Viviam-se os últimos quatro anos e meio da administração colonial portuguesa. Os ventos da história em África e no mundo pressionavam a mudança.

A conferência de Berlim de 1855, da partilha europeia de África, deixara sequelas fronteiriças irremediáveis aos futuros países africanos. A 1ª guerra mundial (1914-18) delimitaria as fronteiras finais a partir de espólios coloniais. Por outro lado, as futuras independências políticas ficariam comprometidas com as dependências económicas, fruto da obtenção envenenada das mesmas. Moçambique, Angola e Guiné-Bissau, não seriam exceções. Por acréscimo, as ilhas de Cabo Verde e de São Tomé e Príncipe.

Em 1970, na então cidade colonial de Lourenço Marques, capital de Moçambique, engendrava-se na revista Tempo uma intriga política que para muitos terá passado despercebida pelos contornos aparentes de se cingir ao desporto. O chefe da redação era o jornalista Mota Lopes (filho de antigo chefe de polícia português da PSP, na colónia de Moçambique).

O poeta, jornalista, desportista e folclorista José Craveirinha (1922-2003), pela sua actividade política e cultural, encontrava-se em liberdade condicional vigiado de perto pela PIDE, polícia política portuguesa.

De 1962 a 1964, José Craveirinha fora responsável na clandestinidade, das actividades de preparação da chegada dos primeiros guerrilheiros da FreLiMo, vindos de Tanzânia.

Nesse âmbito, em 1964, o poeta José Craveirinha, pela calada da noite, teria ido à fronteira de Ressano Garcia (Gatsha) chefiando um grupo de duas viaturas: uma de José Parente (seu braço direito) e a outra do advogado Rui Baltazar, para recolha das armas, panfletos e dos guerrilheiros recém-chegados e chefiados pelo comandante Joel Gundana.

Vinham para início das actividades de guerrilha urbana e de planeamento de atividades no Sul do Save. José Craveirinha ficaria depois em detenção, a partir de 1965.

Na revista Tempo de 1970, foi urdida armadilha política e deontológica contra o jornalista JOSÉ Craveirinha (ao centro), pai do atleta STÉLIO N. Craveirinha perseguido no Grupo Desportivo LM. Caso exposto pelo pai na mesma revista.



Director: Eng.º Eugénio F. de Moura. Director-Adjunto: Rui Costa
Zena. Chefe de Redacção: Mota Lopes. Redacção: Avenida Pina, 85,
bairro Pasteira, Manuel Salgado, Augusto Carvalho (Líbica), Fernan-
da Gomes e Santos Ribeiro (Porto). Secções especializadas:
Feminina – Maria de Lurdes Ferreira; Economia – Percido Costa; Des-
porto – José Craveirinha; Fan – Miguel Lopes Júnior; Acurambili-
tismo – Carlos Cuatrecasas; Fotografia: Ricardo Ratguel (chefe); Kock Nam
e Armindo Alonso. Maquetização: António Martins. Espanho e Publi-
cidade: Carlos Carvalho. Oficinas: António Gonçalves (desfegual);
Composição: Carlos Silva Pereira, Enrídio Campos, Henrique Pato
e José Gonçalves; Impressão: José Arede e Alexandre Fernandes;
Offset: Jaime Duarte, António Simões, Valdemir Bolencourt e
João Imazio. Propriedade: «Tempográfica, S. A. R. L.», Redacção,
Administração e Oficinas: Avenida Afonso de Albuquerque, n.º 1028 A
e B (Prédio Invicta) – Telefones: 8151, 8192 e 8193. Lourenço Marques



Em 1970, com 48 anos, recém-saído da cadeia política, José Craveirinha integra-se na revista *Tempo* como jornalista desportivo. Para muitos pró-colonialistas, o nome Craveirinha era quase tabu. Um nome ‘maldito’ em Moçambique (ainda continua sendo grosso modo). Por ser filho de quem era, o atleta Stélio N. Craveirinha, então com 20 anos de idade, é perseguido na sociedade colonial e no seu clube – o GDLM, bem como o fora anteriormente, na escola, que abandonaria, dedicando-se à profissão de construtor civil.

Eventualmente na direção do clube GDLM, interesses coloniais portugueses, políticos e empresariais (CODAM), promiscuiam-se com os desportivos. José Luís Cabaço, antigo basquetebolista do GDLM e estudante em Itália (Junho/Julho 1970), acompanhou o processo em LM no seu regresso. José Manuel Lobo Coelho era presidente da direção do GDLM. Foi o homem que assinou em 14 de Setembro de 1970, a nota de ‘crucificação’ desportiva do atleta Stélio N. Craveirinha “por falta disciplinar” não comprovada. (Ver texto em anexo).

É um pouco como a fábula de La Fontaine do ‘Lobo e o Cordeiro’ – *se não foste tu quem cometeu a falta, foi teu pai...*

Entretanto, por insistência de Mota Lopes, chefe de redação da revista *Tempo*, José Craveirinha (hesitante) escreve a defender o atleta que era também seu filho. A armadilha estava feita. Deontologicamente, o pai como jornalista, de-veria evitar defender o filho.

Uma questão de ética jornalística por conflito de interesses, dir-se-ia hoje.

Polémica instalada na cidade europeia de cimento. José Craveirinha ostracizado na sua dignidade profissional e de pai.

Nos subúrbios africanos da periferia, os habitantes mais lúcidos acompanhariam com angústia o drama de José Craveirinha, seu ‘campeão’ dos direitos cívicos em Moçambique.

Intencionalmente, somente essa revista *Tempo* e outras seguintes, com temas polémicos relacionados à pessoa de José Craveirinha, seriam enviadas à FreLiMo em Dar Es Salaam, via Paris, para ‘sujar’ o seu nome. Sabemos porque estávamos lá

■ JoCrav. (Continua)

Na edição nº 2420 d’O *Autarca*, de quarta-feira, 26 de Setembro de 2012, publicámos uma série de crónicas sobre o 25 de Setembro de 1964: efeméride do início (oficial) da luta armada contra o colonialismo português, pela independência de Moçambique, de 25 de Junho de 1975. (Esta é a primeira parte de quatro. **Texto revisito.**) JoCrav.

O Autarca: Preencha este cupão de inscrição e devolva-o através do fax 23301714, E-mail: oautarcabeira@yahoo.com.br ou em mão SIM, desejo assinar O Autarca por E-mail (), ou entrega por estafeta no endereço desejado ()

Entidade.....
Morada..... Tel..... Fax..... E-mail.....

Individual () Institucional ()/...../2013
Assinaturas mensais MZM – Ordinária: 7.200,00 * Institucional: 14.700,00